

Apresentação ao Dossiê: Coleções Etnográficas e Processos Museológicos

Salima Cure Valdivieso^a
Manuel Ferreira Lima Filho^b

O escritor turco e prêmio Nobel de literatura, Orhan Pamuk, escreveu que os ‘museus são lugares onde o tempo se transforma em espaço’; essa frase é significativa para o presente dossiê, pois, nos leva a pensar sobre os significados dos museus na contemporaneidade e sobretudo nos processos que envolvem relações com os povos indígenas. Museu, como diz o título de um dos textos aqui reunidos, não é uma palavra presente nas línguas indígenas, museu é uma palavra de origem grega, moyseion, ‘lugar dedicado as Musas’, ‘templo das Musas’, porém, o museu tem sido apropriado e traduzido em diversas realidades indígenas e com variados propósitos como veremos em alguns dos textos aqui reunidos. De novo com Pamuk, refletimos sobre o tipo de espaço que são os museus indígenas, que tipo de relações permite esses espaços e, portanto, transformando-os em ‘lugares’ e relacionados à evocação da memória étnica que são mobilizadas para que esses espaços respondam aos interesses de seus criadores e recriadores, num exercício próprio do que Lima Filho (2016) denominou cidadania patrimonial.

O artigo do antropólogo e historiador Alexandre Gomes faz uma reflexão muito interessante sobre esses processos de apropriação e tradução que fazem os museus indígenas no contexto brasileiro, principalmente

a Antropóloga. Comissão da Verdade sobre Amazonia (Colombia). Email: Juli.Cure@comisiondelaverdad.com.

b Professor da Universidade Federal de Goiás/Museu Antropológico. CNPq. Email: limafilho@ufg.br.

no Nordeste, onde Gomes realizou seus trabalhos de campo. A partir de algumas categorias-chaves como etnomuseografia, ação museológica indígena e cosmopolíticas da memória, o autor nos leva a compreender as relações entre museus indígenas e cosmologias, sobre a importância da interação com os Encantados, sujeitos não-humanos, que possuem um papel preponderante na forma com que estas populações se relacionam com o passado e como o significam no presente.

Assim mesmo, na sua análise, Gomes nos ajuda a entender como essas cosmopolíticas da memória são mobilizadas em processos de reivindicações étnicas e, em geral, nos processos de resistência e lutas pelos direitos dos povos indígenas.

Esse argumento é também central na entrevista que Lara Erendia e Emmanuelle Piedboeuf fazem a Nicole O'Bomsawin, líder indígena abênaki e diretora do Musée des Abénakis, a primeira instituição museal indígena na província do Quebec, Canadá. No relato de Nicole podemos entender como todo o processo de apropriação e criação do museu, coletando objetos, organizando as coleções e exposições tinha a intenção de valorizar 'sua cultura', mas, desde imagens, discursos e formas de relacionamento decididos por eles, além dos estereótipos e preconceitos ainda prevalentes sobre os indígenas como sujeitos exóticos e históricos. Assim mesmo, é bem interessante ressaltar o sentido que Nicole dá ao museu como um espaço de trocas, um modo de obter recursos econômicos e ganhar dinheiro para os abênaki, ao tempo que visitantes e turistas aprendem coisas sobre as vivências históricas e contemporâneas dos indígenas. Nesse sentido, a entrevista sublinha o caráter dos museus indígenas como espaços que permitem criar relações interculturais. Reflexões que potencializa a noção de 'museu como zona de contato' proposto por Pratt e explorada por Clifford (2016).

Os textos reunidos neste dossiê nos levam também a pensar sobre os objetos, sobre os significados e re-significados que esses têm dependendo do contexto e as relações que permitem construir, seguindo a linha de análise proposta por Appadurai, sobre como as coisas têm uma vida social, uma biografia cultural. O texto do

antropólogo Paride Bollettin sobre a Coleção Etnográfica do Centro Studi Americanistici na Itália, desenvolve esse argumento, o bem, a análise dos artefatos desde uma perspectiva relacional, os artefatos além de uma materialidade inerte e passiva, devem ser observados em sua própria capacidade de acionar movimentos e encontros de sujeitos. O texto de Bollettin nos conduz assim a ressaltar a importância dos museus como espaços de mediações e encontros entre variados sujeitos, indígenas, pesquisadores, colecionadores e visitantes.

A ideia de que os objetos são ‘vivos’ nos leva a reparar nessa vitalidade das coisas da qual falava o escritor Jorge Luís Borges, quando dizia que elas ficaram além de nossas ausências, reativando memórias. No texto de Rosalvo Ivarra sobre as artes, artefatos e objetos sagrados Guarani Nhandeva, se argumenta como esses objetos continuam cantando não obstante as transformações, as mudanças, as problemáticas socioambientais que os guaranis vivem na atualidade por conta de um modelo econômico que reforça a acumulação de terras para o agronegócio.

Os objetos, também, podem ser polissêmicos, poder ter variados significados dependendo das práticas e contextos nos quais estão inscritos. É o caso contemplado por Marcel Mano no seu texto sobre as cerâmicas recipientes dos grupos Jê e Tupi. Partindo de uma interessante análise da práxis e cosmologia guerreira-caçadores entre esses povos, Mano explora como a cerâmica tem um papel ambíguo mediado pelas relações com a alteridade, pois, enquanto recipiente cerâmico, ela fornece o processo de transformação do alimento natural em alimento cultural, e, enquanto, urna mortuária, e mediada pelo enterramento, ela fornece o processo de transformação do vivo cultural em morto sobrenatural.

O dossiê nos convida também a pensar a respeito do envolvimento dos povos indígenas em pesquisas colaborativas que involucram um diálogo aberto sobre acervos etnográficos presentes em museus institucionais. Essa relação de museus, pesquisa antropológica e indígenas possibilita um movimento dialógico que consente mudar pautas museológicas estabelecidas, e além de ‘exibir culturas’,

‘representar culturas’ os museus prestam atenção às questões suscitadas pelos mesmos povos.

Nesse sentido, as possibilidades da pesquisa colaborativa se propõem como interessantes exercícios epistemológicos que permitem que as coleções sejam interrogadas desde uma crítica cultural nativa construindo assim múltiplos saberes sobre os objetos e as sociedades que os geraram produziram. Existem diversas experiências nesse sentido, não há uma via ou modelo de trabalho. São tentativas diferentes considerando tanto os interesses e abertura dos museus, os recursos disponíveis, assim como a relação que cada povo tem com seus próprios artefatos. Para alguns deles, os objetos produzidos por seus antepassados e que estão guardados em museus deveriam retornar a seus territórios; para outros grupos, os objetos não necessariamente teriam que regressar, mas sim, eles deveriam ser envolvidos na organização de projetos de curadorias compartilhadas ou nos processos de documentação das peças. Um exemplo interessante nesse sentido é o processo de documentação colaborativa ‘Collections des Autres et mémoires de rencontre: objets, plantes et récits d’Amazonie – COLAM’, explorado no artigo de Pascale de Robert & Anouk Delaitre. Os autores através de uma abordagem histórica das coleções etnográficas amazônicas presentes nos museus de Quai Branly e no Museu de Toulouse, analisam diversos processos que esses os dois museus têm gerado, evidenciando as metamorfoses vividas pelas coleções. Entre esses processos, o COLAM, que permitiu o encontro entre povos indígenas, pesquisadores antropológicos e acervos etnográficos abrindo possibilitou um interessante debate sobre o lugar dos saberes indígenas dentro das coleções que albergam tais museus.

Referências:

- CLIFFORD, James. 2016. “Museus como zonas de contato”. *Periódico Permanente*, 6:1-37. (www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus-como-zonas-de-contato?searchterm=james+clifford; acesso em 26/04/2020).
- LIMA FILHO, Manuel F. 2015. “Cidadania Patrimonial”. *Anthropológicas*, 19(16):134-155.